

## letramento acadêmico: uma análise de projetos de pesquisa de alunos de letras

<sup>1</sup> Juscélino F. N.,  <sup>2</sup> Rossana R. H. 

<sup>1</sup> universidade federal do piauí

<sup>2</sup> universidade católica de pernambuco

\* e-mail de contato principal: [juscelino@ufpi.edu.br](mailto:juscelino@ufpi.edu.br)

### resumo

neste artigo, apresentamos, inicialmente, alguns conceitos relacionados à alfabetização e ao letramento, para, em seguida, discutirmos quanto ao letramento acadêmico. Baseamo-nos nos pressupostos teóricos de autores como Soares (2003), Ferreiro e Teberosky (1986), Mortatti (2006), Kleiman (2005), Juchum (2020), Silva (2013), Lea e Street (2013) e Silva e Aires (2020). Quanto à metodologia, realizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa, com o levantamento de dados feito por um estudo bibliográfico, a partir de 14 projetos de pesquisa elaborados por alunos de Letras da Universidade Federal do Piauí, em 2020. Por meio desse estudo, percebermos que há uma necessidade de um maior conhecimento acerca do que é educação científica, diferentes tipos de letramentos e compreensão sobre cada um dos conceitos apresentados. Além disso, destacamos a necessidade de aprender a ler e a escrever com um olhar crítico, para que se faça uso da alfabetização nas práticas letradas.

**palavras-chave:** letramento acadêmico; formação de professor; pesquisa científica.

### como citar este artigo

Nascimento, J. F., & Henz, R. R. (2022). Letramento acadêmico: Uma análise de projetos de pesquisa de alunos de letras. *Revista Letra Magna*, 18 (29), 121-132, doi <https://doi.org/10.47734/lm.v18i29.2063>

## introdução

Neste artigo, apresentamos alguns conceitos relativos à alfabetização e ao letramento, destacando-os na construção de uma sociedade crítica, em sentido lato, de modo mais amplo, para, posteriormente, travar uma discussão sobre outros tipos de letramentos, como o letramento acadêmico e alfabetização acadêmica, a fim de analisarmos 14 projetos pesquisa elaborados por alunos de Letras da Universidade Federal do Piauí, no ano de 2020.

Partindo do princípio de que os alunos iniciam o seu processo de aquisição da leitura e da escrita antes de chegar à escola, através de suas vivências de mundo, suas experiências pessoais e/ou culturais, de acordo com o local de seu convívio, pontuamos o fato de que, somente ao adentrar em uma instituição de ensino é que os discentes passam a ser instruídos, de forma mais sistemática, para que atinjam, ao final do ensino básico, o nível proficiente de alfabetismo.

Nessa perspectiva, entendemos que, apesar dos avanços nos estudos da linguagem, ainda se faz necessário discutir o ato de ensinar com os textos, bem como compreender os conceitos de Alfabetização e Letramento, que vão além da simples compreensão e decodificação de signos linguísticos, da sua importância na vida escolar de uma criança ou jovem, já que estes devem ser estimulados e desenvolvidos em todos os aspectos, especificamente, neste caso, cognitivos (Gerald, 1997).

Assim sendo, levando em conta que a escola será o ambiente em que as atividades de escrita e leitura serão sistematicamente desenvolvidas, é crucial pontuar sua atuação no processo do ensino. De acordo com Libâneo (2007) a escola é responsável pela preparação para o processo produtivo e para a vida em uma sociedade técnico-informacional; formação para a cidadania crítica e participativa e a formação ética.

Nessa direção, Scholze (2004, p. 10) reforça a responsabilidade das instituições de ensino, apesar de pontuar que ela não é a única responsável pelo sucesso ou fracasso estudantil do aluno, quando explica que esta:

Toma dimensões muito além de simples transmissora de conhecimentos. É preciso,

também, que ela desenvolva nos alunos a consciência de que o acesso à leitura é um direito, um prazer e uma forma de alcançar o conhecimento, como condição estratégica, no projeto pessoal letramento. (...) A escola não é a única responsável pelo sucesso ou fracasso do aluno, porém cabe a ela otimizar as condições de acesso ao letramento (...).

Dessa forma, cabe ao professor estar sempre atento às suas práticas de ensino, a fim de habilitar os alunos a atuar na sociedade não somente como “pessoas que sabem ler, decodificar”, mas como seres pensantes, capazes de aplicar na prática, no convívio social, aquilo que foi estudado em sala de aula, chegando, assim, ao letramento.

Para tanto, é importante postular o que são a Alfabetização e o Letramento, para que o professor, alfabetizador ou continuador do processo de alfabetização, ou mesmo aqueles que atuam no ambiente universitário, quando se trata de níveis mais avançados, tenha convicção de como práticas sociais devem ser vivenciadas pelos discentes.

Como já é consenso na academia, Alfabetização e Letramento, embora possam ser conceituados distintamente, no sentido da aquisição da escrita, são indissociáveis, ou seja, devem ser vistos sempre em conjunto, como aponta Soares (2003), para que não haja rompimento no processo de aprender verdadeiramente o sentido da leitura para a participação eficaz na sociedade.

Alfabetização, para Soares (2003, p. 8) é “[...] levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da Alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita”, ou seja, alfabetizar, em uma perspectiva tradicional, é fazer com que o aluno aprenda os signos linguísticos, como as letras do alfabeto, a formação de sílabas, a capacidade de juntar esses pedacinhos e expressar, oralmente, ou de maneira escrita, aquilo que aprendeu.

A perspectiva construtivista postulada por Ferreiro e Teberosky (1986), a partir da psicogênese da escrita, a alfabetização ocorre na interação entre o sujeito e o objeto (a escrita) com base em hipóteses, na relação forma e sentido. Esse processo é, na maioria dos casos, mediado pelo professor que, por

meio da problematização, auxilia os anos nas mudanças de níveis de leitura e escrita, em direção à aquisição do sistema alfabético. Ainda nessa perspectiva, o que se percebe é que o processo da escrita deve ocorrer com base na contextualização, funcionalidade), ou seja, para o letramento.

Assim, compreendemos o letramento deve estar presente em todo o processo de aprendizagem, e não apenas durante a alfabetização em si, de forma que essa se dê por meio daquele. Para tanto, é necessário que haja uma articulação entre um e outra, de modo que o letramento seja contemplado por meio do ensino do código alfabético, dos signos linguísticos, associados à função social que eles desempenham em diferentes contextos sociais, em situações reais de interação e de uso da língua.

No entanto, somente estar alfabetizado não basta para o sucesso na produção de textos acadêmicos, já que muitas vezes um aluno consegue ler, mas não consegue compreender, criticamente, aquilo que foi decodificado e isso pode implicar vários problemas que vão desde fluência na língua, deficiência do ensino e falha de todo um sistema educativo, como é reportado por Mortatti (2006).

Letramento, segundo Soares (2003), é um processo de relação dos discentes com a cultura escrita. É colocar em prática o que se aprendeu durante o período de Alfabetização, ou seja, vai além do processo de decodificar símbolos linguísticos, como mencionado, sendo mais voltado ao contato de indivíduos com o mundo escrito em sua concretude. Assim, cabe ressaltar que existem níveis de letramento, que variam conforme a realidade cultural de cada um.

### **algumas manifestações do letramento**

Conforme Soares (2012), Letramento é um termo que surgiu na segunda metade dos anos 1980, no campo dos estudos da Educação e das Ciências Linguísticas. No Brasil, essa palavra aparece pela primeira vez em Kato (1986), o que evidencia o caráter recente das produções relativas à área.

Dois anos após o lançamento da obra citada, Tfouni (1988) discorreu sobre a diferença entre letramento e alfabetização, termos que até hoje têm, por vezes, seus conceitos confundidos. A partir de então, a

palavra letramento passou a ganhar força como termo técnico. Segundo Soares (2012, p. 15),

[...] a palavra torna-se cada vez mais frequente no discurso escrito e falado de especialistas, de tal forma que, em 1995, já figura em título de livro organizado por Ângela Kleiman: os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita.

É importante, pois, diferenciar alfabetização e letramento, para que tais conceitos deixem de ser confundidos. Nesse prisma, de acordo com Soares (2012, p. 15),

Analfabetismo, define o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, é o “estado ou condição de analfabeto”, e analfabeto é o “que não sabe ler e escrever”, ou seja, é o que vive no estado ou condição de quem não sabe ler e escrever.

A alfabetização é, desse modo, o ato de ensinar a ler e escrever – codificar e decodificar. Dito isto, o alfabetizado é aquele que sabe desempenhar tais atividades. O letrado, por sua vez, “é aquele “versado em letras”, erudito”, e iletrado é “aquele que não tem conhecimentos literários” e também o “analfabeto ou quase analfabeto” (Soares, 2012, p. 16).

O uso da língua escrita muitas vezes está relacionado com a tecnologia e essa muda constantemente, o que influencia no uso da língua. Segundo Kleiman (2005, p. 20),

A tecnologia que dá suporte aos usos da língua escrita tem mudado enormemente, e essa mudança também se faz sentir na escola: onde antes se esperava que a criança usasse lápis e papel para escrever de forma legível, hoje se espera que ela escreva coisas com sentido no caderno e no computador, e também que use a internet.

Na atualidade, além de ler e escrever, os alunos são cobrados em relação a diversas atividades linguísticas e isso pressupõe habilidades que não se limitam apenas ao que foi ensinado durante o processo de alfabetização.

Para poder se referir a práticas de uso da língua que não se limitam à alfabetização, fazemos uso do termo letramento, o qual foi tomado de empréstimo da língua inglesa e o qual tem relação com o processo de desenvolvimento da língua e suas mudanças sócio-históricas. De acordo com Kleiman (2005, p. 21),

[...] no Brasil, vários pesquisadores que trabalhavam com as práticas de uso da língua escrita em diversas esferas de atividade sentiram falta de um conceito que se referisse a esses aspectos sócio-históricos dos usos da escrita, sem as conotações sobre ensino e escola associadas à palavra alfabetização.

Portanto, o termo letramento passou a ser usado para se referir a práticas linguísticas que não dizem respeito apenas ao âmbito escolar, mas a várias situações de uso da língua nas práticas sociais.

Vale ressaltar que “o letramento não é uma habilidade, embora envolva um conjunto de habilidades (rotinas de como fazer) e de competências (capacidades concretas para fazer algo) (Kleiman, 2005, p. 16)”. Desse modo, pode-se afirmar que ele é complexo e envolve habilidades, competências e conhecimentos, não havendo necessariamente relação com a leitura (Kleiman, 2005).

Quanto à definição de letramento, ele é utilizado “[...] para se referir a um conjunto de práticas de uso da escrita que vinham modificando profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares de uso da escrita, incluindo-as, porém” (Soares, 2012, p. 21). Para evitar equívocos, é necessário levar em conta que letramento é um assunto que tem relação com as transformações das práticas letradas, ou seja, é resultado de mudanças no campo em questão (Kleiman, 2005).

Destacamos, nessa direção, que diversas pessoas são segregadas por não possuírem a habilidade de ler e escrever, ou seja, não serem alfabetizadas (Nascimento, 2014). Entretanto, isso não significa que tais pessoas são “iletradas”. Para exemplificar, segundo Kleiman (2005, p. 14),

O filme *Central do Brasil* nos mostra uma prática letrada que só existe porque há, no mundo de hoje, pessoas que não são

alfabetizadas, mas sabem que a escrita permite a comunicação a distância e querem participar dessa prática, apesar de não conhecerem o código que lhes permitiria ser independentes e auto-suficientes para se expressarem por meio da língua escrita.

No filme, retrata-se a elaboração coletiva de cartas que são escritas por um escriba. Nesse cenário, as pessoas que participam da elaboração das cartas estão, portanto, participando de uma prática de letramento. Na sociedade há práticas semelhantes com a que foi retratada nessa produção e que envolvem pessoas não alfabetizadas participando de atividades escritas.

A definição de letramento é uma tarefa delicada, pois o termo pode ser usado em diferentes contextos. Segundo Nascimento (2014, p. 19), “[...] a definição deste vocábulo ainda gera grande dificuldade, em virtude de possuir muitos usos e acepções, a depender do objetivo proposto”. Tfouni (2010) discorre que não existe uma definição “fechada” sobre o que é letramento, apesar de haver diversos estudos sobre o tema e já se entender muitos aspectos do assunto.

Para Kleiman (2005, p. 21), “letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas [...]”. Portanto, letramento envolve práticas que não se restringem apenas à leitura e à escrita, mas estas estão de alguma forma relacionadas com as práticas de letramento.

Ainda sobre letramento, Juchum (2020, p. 28) discorre que ele “[...] representa uma prática de cunho social e não meramente uma técnica gráfica ou uma técnica de registro”. Nesse sentido, os textos estão envolvidos em contextos específicos e possuem significado de acordo com a função exercida. Assim sendo, os textos “[...] não têm valor de ser na independência dos sentidos sociais” (Juchum, 2020, p. 28).

Embora o Letramento possua uma designação específica e voltada à capacidade de leitura crítica para atuação social, destacamos que há, de acordo com Kleiman (2006), várias formas de letramentos.

Sousa (2019) pontua que, para se alcançar um ideal de letramento de professor, por exemplo, deve-se considerar pontos que afetam, direta ou indiretamente, a forma de trabalho dos docentes, como as condições de exercício da profissão, salários, dentre outras nuances que permeiam o trabalho na docência.

Nesse âmbito, para que o professor consiga alcançar o ideal de professor letrado, ele precisa ter em mente a relevância de

[...] desenvolver um trabalho que valorize o letramento crítico e reflexivo dos sujeitos inseridos nas situações de escolarização do conhecimento requer do professor uma compreensão do que são os letramentos, para que o docente não coloque à margem o que é necessário à formação ética e compromissada do cidadão, mas centralize e dê destaque ao necessário (Sousa, 2019, p. 6).

Dessa forma, com o propósito de despertar no aluno o exercício da criticidade, o letramento serve como ferramenta para uma atuação pensante, em que o discente é capaz de observar e intervir no meio social por meio de um olhar de dúvida, experimentação de hipóteses e colocar em prática aquilo que acredita ser importante para mudanças sócio-interacionais (Freire, 2000).

Logo, percebe-se que, para ser agente de letramento, o professor precisa despertar no aluno a capacidade de se envolver com textos de linguagens mais científicas, que exijam mais do que a mera decodificação, ou mesmo a simples tarefa de compreender que o texto é uma ferramenta social, mas, principalmente, de que há uma infinidade de textos, cuja linguagem científica possibilita maior expressividade e, portanto, mais efetividade nas esferas de mudanças sociais por meio de pesquisas acadêmicas.

#### *letramento e letramento acadêmico: conceitos e considerações*

Levando em consideração que as práticas de uso da escrita são diferentes umas das outras, pois envolvem contextos específicos de uso, pode-se dizer que há diferentes tipos de letramento(s). Há, por

exemplo, o letramento acadêmico e este pode se evidenciar em diferentes contextos no âmbito acadêmico. De acordo com Juchum (2020, p. 29),

[...] assumindo que as práticas de uso da escrita são diferentes, ou seja, que os usos diferem de acordo com o contexto em que são empregados, é possível falar em letramento/s acadêmico/s. Mais ainda: assume-se que há usos específicos da escrita no contexto da universidade, usos que se distinguem daqueles de que se lança mão em outros contextos.

No Brasil, as pesquisas sobre letramento acadêmico abordam, em sua maioria, as práticas de escrita do ensino superior, “[...] diferentemente das pesquisas estrangeiras, as quais abrangem práticas formais de escolarização em outros níveis de instrução [...]” (Silva, 2013, p. 40). Essa discussão evidencia, portanto, que o letramento acadêmico envolve práticas de escrita que não se limitam apenas ao ensino superior.

Para o contexto de instrução, Silva (2013) apresenta a abordagem de letramento acadêmico de Lea e Street (2013). Tal abordagem é “[...] composta por três modelos de referência para o enfoque da escrita em contextos de instrução” (Silva, 2013, p. 41). O primeiro é o “modelo de habilidades estudadas”, que “concebe a escrita e o letramento originalmente como uma habilidade individual e cognitiva” (Silva, 2013, p. 41). Já segundo modelo, “[...] “socialização acadêmica”, caracteriza-se por uma prática de escrita instrumental, na qual formas de referência para a interação pela linguagem são propostas como objetos de ensino” (Silva, 2013, p. 42).

No que diz respeito ao terceiro modelo, “letramento acadêmico”, ele “[...] focaliza as práticas de escrita desenvolvidas em contextos específicos, compreendendo os valores atribuídos a tais práticas por atores sociais inseridos em determinados grupos sociais ou domínios discursivos” (Silva, 2013, p. 42). Esse modelo, entre outras coisas, procura entender por que certas práticas são privilegiadas em detrimento de outras.

A escrita, por sua vez, é uma forma de registro, que está presente desde muito tempo na história dos seres humanos. Diante

disso, destacamos a relevância desta prática para a humanidade. Nesse sentido, de acordo com Cagliari (1998, p. 14):

De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários.

Quando à alfabetização, Soares (2009, p. 31) afirma que é o ato de “[...] tornar o indivíduo capaz de ler e escrever”, “é a ação de alfabetizar, tornar ‘alfabetizado’” (Soares, 2009, p. 31). Depreende-se, portanto, que é o processo de tornar o indivíduo apto à codificação e decodificação dos signos linguísticos. Já sobre o letramento, Di Nucci (2002, p.32) pontua que ele:

[...] surge nas relações entre aquisição e uso da escrita com a mudanças que ocorrem na organização social e cultural, implicando o aprimoramento do funcionamento cognitivo dos indivíduos. [...] O eixo norteador dos estudos são as diferentes práticas sociais da leitura e da escrita presentes no cotidiano do indivíduo.

Logo, compreende-se que o letramento é a utilização das práticas de leitura e escrita dentro de uma situação social de interação entre falantes.

Vale destacar que os alunos iniciam o seu processo de leitura e alfabetização bem antes de chegar à escola, através de suas vivências de mundo, suas experiências pessoais e culturais, de acordo com o local de sua convivência. Entretanto, somente ao chegar em uma instituição de ensino, a escola, por exemplo, é que o discente passa a ser instruído, de forma mais sistemática, à capacidade de decodificação dos signos linguístico, para que só depois venha a ser um leitor (Geraldi, 2003). Nesse viés, pontuamos a necessidade de conhecimentos acerca do ato de ensinar com os textos, bem como compreender-se as definições para a Alfabetização e o Letramento, que vão além

da simples compreensão e decodificação de signos linguísticos, além da sua importância na vida acadêmica.

Levando em conta que a escola será o ambiente onde as atividades leitoras serão desenvolvidas, é crucial pontuar o seu espaço no processo do ensino. De acordo com Lagar, Santana e Dutra (2013), esta instituição de ensino é responsável pela preparação para o processo produtivo e para a vida em uma sociedade técnico-informacional; formação para a cidadania crítica e participativa e a formação ética. Nesse ínterim, trabalhar a leitura e a escrita proporciona melhor efetividade do indivíduo no contexto ao qual está inserido.

Além disso, Scholze (2004, p. 10) reforça a responsabilidade da escola, apesar de pontuar que ela não é a única responsável pelo sucesso ou fracasso estudantil do aluno, quando explica que esta:

Toma dimensões muito além de simples transmissora de conhecimentos. É preciso, também, que ela desenvolva nos alunos a consciência de que o acesso à leitura é um direito, um prazer e uma forma de alcançar o conhecimento, como condição estratégica, no projeto pessoal letramento. (...) A escola não é a única responsável pelo sucesso ou fracasso do aluno, porém cabe a ela otimizar as condições de acesso ao letramento.

Dessa forma, cabe ao professor estar sempre atento às suas práticas de ensino, a fim de estimular os alunos a serem capazes de atuar na sociedade não somente como “pessoas que sabem ler, decodificar”, mas como seres pensantes, capazes de aplicar na prática, no convívio social, aquilo que se foi estudado em sala de aula.

Conforme Soares (2004), o letramento é fulcral para que os alunos possam utilizar a leitura e o sistema convencional da escrita nas situações sociais permeadas pela escrita. Neste contexto, o letramento começa a partir do momento em que o aluno tem contato com a escrita, em um ambiente com textos, em que ela possa começar a conhecer tanto a leitura quanto a escrita, devendo ser priorizados sempre os textos que estejam de acordo com os seus interesses.

Neste viés, quando uma criança não tem contato constante com os textos, isso pode comprometer o seu futuro frente à

compreensão do que é lido, podendo torná-las, assim, meras decodificadoras, presas, talvez, ao ato de ler somente o que é instrucional. Sobre isso, Ferreiro (2004, p. 54) aponta que:

Se as crianças crescem em comunidades iletradas e a escola não as introduz na linguagem escrita (em toda a sua complexidade), talvez cheguem a atingir esses “mínimos de alfabetização”, que lhes permitam seguir instruções escritas e aumentar a sua produtividade em uma fábrica, contudo não queremos formar cidadãos para este presente nem para o futuro próximo. Há que se alfabetizar para ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de “dizer por escrito” esteja mais democraticamente distribuída.

É preciso, então, que os alunos sejam preparados para manter a comunicação por meio da própria escrita, e cabe à escola, enquanto formadora de cidadãos críticos, traçar subsídios que norteiem o processo de alfabetização pautado no letramento, pois, sem este, a leitura torna-se insuficiente e o futuro acadêmico ou profissional do aluno pode ser comprometido.

Para Soares (2012, p. 120) “o letramento é, sem dúvida alguma, pelo menos nas sociedades industrializadas, um direito humano absoluto, independentemente das condições econômicas e sociais em que um dado grupo humano esteja inserido” (p.120). Consoante o que foi dito pela autora, é consistente reforçar que a escola, conforme os métodos de ensino do professor, deve sempre amparar os alunos, para que estes aprendam dentro das práticas do letramento, haja vista que a leitura proficiente é direito de cada educando.

Ainda no que diz respeito ao letramento, dentro das práticas de ensino e alfabetização, devemos pensar na educação como fator de preparação para a interação social. Quanto à leitura e à escrita, estas práticas trarão uma melhor expressão dos cidadãos, o que facilitará a sua intervenção na sociedade. Nesse prisma, Bunzen e Mendonça (2006, p. 25) imputam que “[...] nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da linguagem, nas suas diferentes modalidades,

que realizamos muitas das ações que nos interessam”.

Diante de tal posicionamento, enfatizamos que os alunos precisam compreender, desde cedo, a necessidade do ensino da leitura e escrita pautadas em práticas sociais, porque, a partir desta perspectiva, eles se tornarão mais interessados em aprender, alertados de que cada voz é útil e poderá trazer modificações para a realidade vivida.

Outrossim, explanada a relevância do letramento para as práticas sociais da linguagem, evidencia-se, ainda mais, a obrigação docente de se trabalhar na sala de aula práticas de uso da língua que desenvolvam o letramento. Nesse ínterim, as atividades desenvolvidas para os estudantes devem estar em sincronia com atividades presentes no dia a dia, o que permitirá engajamento dos educandos nas diversas atividades sociais de que participam diariamente, nos contextos que transcendem os muros da escola.

Concluindo a abordagem sobre o letramento e sua pertinência para o ensino de leitura e escrita, Di Nucci (2002, p.32) pontua que:

O letramento surge nas relações entre aquisição e uso da escrita com a mudanças que ocorrem na organização social e cultural, implicando o aprimoramento do funcionamento cognitivo dos indivíduos. (...) O eixo norteador dos estudos são as diferentes práticas sociais da leitura e da escrita presentes no cotidiano do indivíduo.

Tendo em vista que o principal objetivo da educação, em todos os níveis de ensino, é a preparação dos alunos para a vivência no mundo exterior, com a capacidade de se comunicar e compreender aquilo que se lê como uma atividade prática de interação, compreendendo também a importância das ciências sociais, há de se verificar como as instituições de ensino têm contribuído para o desenvolvimento do letramento, visando a melhor formação estudantil, principalmente nos âmbitos da leitura e escrita, e do conhecimento científico.

Como sabemos, a linguagem é todo um sistema que envolve interação e socialização entre os membros de uma comunidade. Neste contexto, é imprescindível

o trabalho da língua escrita, associada à prática da leitura, porém, não basta apresentar os princípios de cada uma destas práticas. É preciso que os docentes introduzam, no trabalho com os discentes, situações diversificadas do uso da leitura não apenas para a escolarização, mas para que atuem ativamente da sociedade.

Nessa direção, Kleiman, Cenicerós e Tinoco (2013, p. 72) afirmam que:

Assumir o letramento como propósito do ensino no contexto dos ciclos escolares significa adotar uma concepção social da escrita, em que o conteúdo deixa de ser o elemento estruturante do currículo para dar lugar as práticas sociais, dentro das quais se buscarão os textos realmente significativos para o aluno, sua comunidade, e suas vivências, locais ou não. (...) Quando os alunos estão engajados em projetos de letramentos que lhes interessam, eles objetivam agir sobre o mundo por meio de atividades de linguagem, utilizando a fala, a leitura e a escrita para alcançar seus propósitos, seguir suas escolhas e definir suas estratégias de ação, aprendendo, o tempo todo, os aspectos macrosociais, por um lado, e textuais, por outro, envolvidos na produção oral e escrita em função do que se quer atingir.

Frisamos que a opinião dos alunos, mesmo na fase de alfabetização, é relevante e deve ser ouvida, pois, quanto mais envolvidos e participativos forem os alunos nas aulas, mais fácil se tornará o processo de ensino, e o proveito das aulas será maior, pois participar ativamente das produções orais e escritas estimulam os discentes e chamam mais atenção, pois eles não estarão sendo meros receptores, mas sujeitos ativos, capazes de compreender e interagir.

Outro ponto a ser avaliado sobre o letramento é um ensino que fuja da simples prática de memorização e reprodução de atividades tidas como arcaicas. Neste âmbito, Bunzen e Mendonça (2009, p. 43) afirmam que “[...] o modo de ser do letramento escolar ainda está fortemente baseado nesse tipo de prática – a de assimilação de palavras vazias: repetição, memorização de conceitos e normas gramaticais (...)”. Esta metodologia pode estagnar o processo de ensino e aprendizagem em práticas letradas e continuar perpetuando o ensino tradicional.

Mediante o diálogo acerca do letramento, enfatizamos um assunto que vem ganhando destaque na sociedade, com o decorrer do tempo, que é o letramento científico. Para Ayala Demo (1996, p. 1):

O letramento científico, entendido como um trabalho diário de conhecimento da ciência, é tão necessário quanto a leitura e a escrita (letramento, no sentido geralmente entendido) para um modo de vida satisfatório no mundo moderno. Eu desejo sustentar que o letramento científico é necessário para que haja uma força de trabalho competente, para o bem-estar econômico e saudável do tecido social e de cada pessoa, e para o exercício da democracia participativa.

Nesse âmbito, de acordo com o autor, o letramento científico ajuda a sociedade a desenvolver o senso crítico, mediante o conhecimento da importância das pesquisas, e da possibilidade de compreensão acerca deste panorama, evidenciando que o acesso à ciência deve ser assegurado a outros grupos, além dos “cientistas” ou demais pesquisadores das áreas de Química, Física, entre outras.

Assim, no Brasil, a educação científica surgiu como uma forma de melhor estudo no campo das ciências naturais, o que pode ser considerado como uma discussão recente, que ainda precisa de novas pesquisas e maior conhecimento. Quanto a isso, Motta-Roth (2011, p.20) afirma:

A educação científica surge como necessidade para inserção social, tanto local quanto global, numa sociedade caracterizada por rápidos avanços da tecnologia e da ciência, que demanda dos sujeitos uma formação qualificada para o efetivo engajamento nos discursos em voga.

Desse modo, com os avanços que surgem constantemente na sociedade contemporânea, fica clara a necessidade de pessoas com maior nível de conhecimento, e que saibam fazer uso, na prática, do letramento, visando à aquisição de informações pautadas também no letramento científico.

Desse modo, postulamos que o letramento científico ajuda as pessoas a terem mais engajamento nos problemas

sociais, de forma a melhorar a obtenção de ferramentas que ajudem na resolução de tais imbróglis. Andrade (2003, p. 91) aponta:

Letramento científico tem papel crucial na formulação de uma sociedade mais preparada para refletir sobre seus próprios problemas e formular as necessárias soluções. Entretanto, letramento científico diz respeito não apenas à capacidade de leitura e escrita de conteúdos presentes em textos vistos restritamente como científicos.

Como se vê, a sociedade exige, cada vez mais, estes conhecimentos científicos como mecanismos de aprendizagem e, conseqüentemente, o letramento científico permite maior atuação social, intervindo nas diversas situações de interação entre indivíduos.

Ainda convém ressaltar que o conhecimento científico parte da curiosidade e do questionamento dos alunos. Nesse âmbito, Freire e Fagundes (1985, p. 44) apontam que “o início do conhecimento [...] é perguntar”. Afirmam, também, que “somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas e não o contrário”. O letramento científico ajuda, portanto, no que diz respeito à busca pelo conhecimento.

Assim, a educação científica insere os alunos no mundo da ciência, incentivando-os a adentrar no mundo da pesquisa, de modo que consigam buscar respostas para as próprias dúvidas e compreendam que o conhecimento letrado vai além da leitura e escrita, perpassando pelo cenário da curiosidade e capacidade de sanar os questionamentos por meio de pesquisas.

#### *a educação científica no brasil*

O debate acerca da educação científica é novo no contexto brasileiro, e surgiu baseado na necessidade do acompanhamento das rápidas mudanças pelas quais o corpo social vem passando, especificamente, voltado ao estudo das ciências naturais (Silva & Aires, 2020). Nesse aspecto, de acordo a Mota-Roth, 2011, p. 20):

A educação científica surge como necessidade para inserção social, tanto local quanto global, numa sociedade caracterizada por rápidos avanços da tecnologia e da ciência, que demanda dos

sujeitos uma formação qualificada para o efetivo engajamento nos discursos em voga.

Diante disso, Silva e Aires (2020) afirmam que, em meio aos pesquisadores que se interessam pelo ensino pautado na educação científica, há oscilações no que concerne à nomeação do fenômeno em questão, sendo que os termos Science Literacy ou Scientific Literacy costumam ser utilizados em países que ainda se recuperam de problemas advindos da Segunda Guerra Mundial. Além disso, ainda cabe pontuar que, no Brasil, os termos mais reconhecidos são letramento científico e alfabetização científica.

Esses termos passaram a ser utilizados devido à insatisfação de docentes e discentes com relação aos estudos realizados nas aulas, visto que os conteúdos abordados não costumam ter relações com o contexto sócio-histórico em que estavam inseridos, não correspondendo, assim, aos interesses particulares deles.

Dessa maneira, com relação ao contexto social, Silva (2020) pontua que a educação científica, embora apresente uma educação pautada na ciência, não concebe este tipo de conhecimento como único dentro das agências de letramento. Para o autor, o contexto dos professores pesquisadores também se insere nos campos das pesquisas, e os saberes linguísticos destes campos também são relevantes no processo de aquisição e transmissão conhecimentos pautados no letramento (Silva, 2020).

#### **procedimentos metodológicos**

Para este artigo, realizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa, com o levantamento de dados feito por um estudo bibliográfico. Sobre a revisão de literatura, esta é vista como essencial, pois, conforme Boccato (2006, p. 266), “a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”. Sendo assim, a pesquisa, por meio de trabalhos já realizados traz subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, o que, em voga, trata-se do letramento acadêmico, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

Nessa perspectiva, de acordo com Gil

(2002, p. 44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Com isso, no decorrer do desenvolvimento do trabalho, buscamos encontrar, para a problemática, uma possível solução, mediante textos acadêmicos escritos por autores que já pesquisam a temática.

Os textos utilizados como fontes primárias de embasamento foram extraídos, em sua maioria, de plataformas como Scielo e Google Acadêmico, onde foram selecionados artigos científicos e dissertações disponíveis relacionadas ao tema, além dos livros que também foram citados no referencial teórico.

Optamos por este tipo de abordagem tendo em vista a análise feita com base em trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio de Barros, em Picos – PI. As produções analisadas eram projetos de pesquisa de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

Nesta pesquisa, tomando como base os estudos de pesquisadores como Melo e Bezerra (2021) e Bezerra e Pereira (2020), entendemos, especificamente no contexto dos alunos de Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, na cidade de Picos, que o gênero Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é flexível, sobretudo quanto à diversidade de temas sobre os quais os discentes pesquisam.

Nessa instituição, o TCC é produzido em duas disciplinas, ambas com carga horária de 60 horas, que podem ser cursadas ou não em sequência: No TCC I, são revistos os pressupostos quanto à ciência e ao fazer científico, métodos, tipo e abordagens de pesquisa e demais passos referentes à realização de uma pesquisa científica. Em um primeiro momento, são elaborados os projetos de pesquisa, a serem desenvolvidos posteriormente.

No TCC II, sob a orientação de um dos professores lotados no curso, os projetos são desenvolvidos, de modo que, ao longo do semestre, o trabalho deve ser escrito e apresentado.

Tomamos como base os projetos do semestre letivo 2020.1, realizado remotamente, em razão da pandemia da COVID-19, causada pelo novo coronavírus. Foram produzidos 14 projetos, sendo 10 na

área de Estudos Linguísticos e 4 na área de Estudos Literários.

Destacamos, à luz de Bezerra e Pereira (2020), que, apesar da diversidade de temas e de áreas específicas dos trabalhos apresentados, a organização estrutural deles é mantida, o que se deve ao fato de serem todos construídos, no TCC I, sob a orientação de um mesmo docente.

### **análise de dados**

Considerando projetos apresentados pelos alunos, destacamos que dos 14 trabalhos, 10 são da área de Linguística, com temas variados, como pesquisas voltadas à análise do discurso, gêneros textuais, linguística aplicada, dentre outros.

Os outros 4 projetos são da área de Literatura, sendo um deles voltado à construção identitária de uma personagem de uma obra literária, análise de periódico que fez parte da Semana da Arte Moderna, estudos poéticos da literatura piauiense, a presença da figura feminina na literatura brasileira e a representação do vaqueiro em uma obra de um autor piauiense.

Mediante a análise acerca da escrita dos discentes, vemos que há predominância de projetos de pesquisas sobre estudos linguísticos. Embora os projetos literários apresentados sejam em menor número, todos possuem uma escrita predominantemente crítica, entretanto, com um grau mediano de letramentos científicos, tendo em vista as dificuldades apresentadas por alguns no momento de trazer uma escrita atual e no momento de formular um discurso que deixe clara a visão deles sobre as problemáticas em estudos.

Silva (2021) afirma que não basta que o discente/pesquisador apresente problemas e discussões acerca do campo de pesquisa. É necessário, para a demonstração de um letramento científico, que as pesquisas ofereçam oportunidades de mudanças no contexto social dos pesquisadores, o que envolve melhorias no âmbito do trabalho, vida social e até mesmo a vida particular de cada um. Nesse contexto, os projetos apresentados são frágeis no sentido de trazer elementos que incitem a essas “transformações sociais”, tendo um foco mais direcionado apenas à resposta norteadora dos trabalhos.

A partir do exposto, conforme Antunes (2003, p. 95)

Letramento científico tem papel crucial na formulação de uma sociedade mais preparada para refletir sobre seus próprios problemas e formular as necessárias soluções. Entretanto, letramento científico diz respeito não apenas à capacidade de leitura e escrita de conteúdos presentes em textos vistos restritamente como científicos.

Como citado pelo autor acima, os acadêmicos devem, além de manter a preocupação com a leitura e a escrita vistas como “científicas”, como aconteceu nos projetos de pesquisas analisados, suscitar uma reflexão crítica sobre a problemática e como a resolução da mesma irá impactar positivamente contexto social, apresentando essas mudanças e dialogando com a realidade de suas vivências enquanto membros de uma sociedade.

Além do letramento científico, pontuamos o letramento acadêmico no cenário das pesquisas analisadas. Silva (2013) assevera que a prática da linguagem utilizada pelos acadêmicos evidencia a importância que é dada à pesquisa realizada, por isso, o discente deve se ater a apresentar clareza no seu discurso e a trazer uma proposta de estudo que não abra margem para subjetividade. Diante disso, cabe citar os trabalhos do campo literário que apresentaram, em alguns momentos, falta de objetividade e de uma melhor resposta às questões norteadoras, que deveriam apresentar melhor um diálogo entre o campo da Ciência e das Linguagens.

Ressaltamos ainda a necessidade da formulação de questionamentos que sejam incitadores da construção de novos conhecimentos. Nesse âmbito, algumas das questões norteadoras das pesquisas, tanto de alguns projetos literários quanto das pesquisas voltadas à área da linguística, trouxeram questões-problemas medianas, que não atendem às exigências necessárias para evidenciar letramento científico, ou mesmo letramento acadêmico. Sob essa ótica, Freire e Fagundes (1985, p. 44) falam que “o início do conhecimento [...] é perguntar” [...] somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas e não o contrário”.

Logo, depreende-se que os questionamentos investigados nas pesquisas acadêmicas ajudam na construção do discurso que permeia os trabalhos acadêmicos e, com isso, dialogando entre questionamentos e possíveis soluções dos impasses que sustentam as pesquisas acadêmicas. Desse modo, os discentes conseguem e devem demonstrar seus posicionamentos críticos e capacidades de desenvolverem trabalhos científicos que dialogam com a linguagem e levam o leitor a compreender melhor aquilo que está sendo tratado e quais as formas e impactos que as resoluções dos problemas terão na sociedade.

### **considerações finais**

Com este trabalho, vemos a alfabetização e o letramento como imprescindíveis na sociedade, de forma que os alunos, sejam eles crianças ou adultos, precisam compreender que textos são ferramentas de intervenção social, então, a alfabetização crítica é fundamental para que as pessoas possam estabelecer a comunicação, ao passo que o letramento é tão relevante quanto ela, por se tratar da prática social de uso da escrita.

O artigo trouxe uma discussão acerca da alfabetização, educação científica, letramento, letramento científico e letramento acadêmico, mediante análise de 14 projetos de Trabalho de Conclusão de Curso realizados na Universidade Federal do Piauí, visando evidenciar indícios de criticidade e utilização dos saberes relacionados aos diferentes letramentos nas pesquisas acadêmicas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram elencados alguns dos problemas enfrentados pelos discentes, evidenciando que, apesar da necessidade de uma maior relação entre problemática de pesquisa, linguagem e realidade social, ainda há uma ausência de maior criticidade no discurso dos pesquisadores, o que mostrou que há uma maior preocupação dos discentes em resolver o problema de pesquisa dentro do “projeto de TCC”, mas falta uma maior correlação entre as práticas escritas e a possibilidade de intervenção social para mudanças no contexto de interação entre os sujeitos.

Os resultados obtidos foram suficientes para percebermos que há uma necessidade de um maior conhecimento acerca do que é educação científica, diferentes tipos de letramentos e compreensão sobre cada um dos conceitos apresentados, dando maior respaldo às pesquisas como potencializadoras de mudanças sociais, análise e uma conscientização cada vez maior dos pesquisadores quanto à necessidade de se aprender a ler e a escrever com um olhar crítico, para que façam uso da alfabetização nas práticas letradas.

### referências

- Antunes, I. (2003). *Aula de português: Encontro & interação*, (6ª ed). Parábola.
- Ayala Demo, J. Z. (1996). *Qual é função da pesquisa descritiva?*
- Bunzen, C., & Mendonça, M. (2013). *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. Parábola Editorial.
- Di Nucci, E. P. (2002). Letramento: Algumas práticas de leitura do jovem do Ensino Médio. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6 (1), 31-38.
- Dutra, J. S. (2013). *Gestão de pessoas: Modelo, processos, tendências e perspectivas*. Atlas.
- Ferreiro, E. (2004). *Com todas as letras*, (12ª ed). São Paulo: Cortez.
- Ferreiro, E., & Teberosky, A. (1986). *Psicogênese da língua escrita*, (Trad. D. M. Lichtenstein, Trad.). Artes Médicas.
- Freire, P., & Fagundes, A. (1985). *Por uma pedagogia da pergunta*. Paz & Terra.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. Editora UNESP.
- Geraldi, J. W. (1997). *O texto na sala de aula*. Ática.
- Kato, M. (1986). *No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística*. Ed. Unicamp.
- Kleiman, A. B. (2005). *Preciso "ensinar?" O letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Editora Unicamp.
- Kleiman, A. B. (2006). Professores e agentes letramento: Identidade e posicionamento social. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, 8, 409-424.
- Lagar, F., Santana, B. B., & Dutra, R. (2013). *Conhecimentos pedagógicos para concursos públicos*. Gran Cursos.
- Libâneo, J. C. (2007). *Educação escolar: Políticas, estrutura e organização*. Cortez.
- Mortatti, M. R. L. (2006). *História dos métodos de alfabetização no Brasil*. Conferência no Seminário "Alfabetização e letramento em debate".
- Motta-Roth, D. (2011). Letramento científico: Sentidos e valores. *Notas de Pesquisa*, 1, 12-25.
- Nascimento, L. B. P. (2014). *A importância da inclusão escolar desde a educação infantil*, [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Scholze, L. (2004). Letramento e desenvolvimento nacional. INEP.
- Silva, W. R. (2020). Educação científica como estratégia pedagógica e investigativa de resistência. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59 (3), 2278-2308.
- Silva, W. R., & Aires, N. (2020). Educação científica de professoras em mestrado profissional. *The Specialist*, 41 (2), 1-21.
- Silva, W. R. (2020). *Letramento e fracasso escolar: o ensino da língua materna*. Editora UEA.
- Soares, M. (2003). *Letramento e alfabetização: As muitas facetas*. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual ANPED.
- Soares, M. (2012). *Letramento: Um tema em três gêneros*. Autêntica Editora.
- Sousa, I. V. (2019). Letramento e formação do professor de língua portuguesa: Políticas, perspectivas e tensões. *Rev. Sítio Novo*, 3 (1), 37-38.
- Tfouni, L. V. (1988). *Adultos não alfabetizados: O avesso do avesso*. Pontes Editores.

**recebido em 15/01/2022**

**aceito em 20/02/2022**